

A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o Nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

The southern question: a political and social reflection on the Northeastern region of Brazil based on the prisms of Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion¹

Resumo: Nos *Cadernos do Cárcere*, Antonio Gramsci trabalhou sua concepção da divisão ideológica da Itália entre Norte industrializado e o Sul agrário, o que gerou conflitos entre a classe trabalhadora italiana. Neste artigo, objetivou-se aplicar o entendimento gramsciano sobre a “Questão meridional” na realidade brasileira, especificamente nos conflitos entre Centro-Sul e Nordeste, com o intuito de entender e explicar as tensões regionais protagonizadas pela classe trabalhadora do país.

Palavras-chave: Nordeste brasileiro. Questão Meridional. Gramsci.

Abstract: In the *Prison Notebooks*, Antonio Gramsci worked out his conception of the ideological division of Italy between the industrialized North and the agrarian South, which generated conflicts among the Italian working class. The aim of this article is to apply Gramsci's understanding of the “Southern Question” to the Brazilian reality, specifically to the conflicts between the South/Southeast and the Northeast, with the aim of understanding and explaining the regional tensions caused by the country's working class.

Keywords: Brazilian Northeast. Southern issue. Gramsci.

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, com bolsa de pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. ORCID: [0000-0001-8806-361X](https://orcid.org/0000-0001-8806-361X). E-mail: marina.calori@unesp.br.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

Introdução

Este trabalho se propõe a abordar as concepções de Antonio Gramsci acerca da questão meridional italiana e trazê-las para a particularidade brasileira a fim de entender e explicar, mesmo que de maneira breve, se é possível identificar tal característica na realidade social e histórica nacional. Noutras palavras, seria possível aplicar esse conceito gramsciano nas questões que envolvem Nordeste e Centro-sul do Brasil?

Adepto da teoria marxista, Gramsci tinha como propósito, quando escreveu sobre a questão meridional, estimular reflexão sobre as relações de poder na Itália de sua época, tendo como ponto de análise a totalidade dos fatos, transformando sua reflexão em uma categoria teórica que, de certa forma, e considerando as particularidades, pode ser aplicada a outras realidades históricas e sociais. Esta é, justamente, a proposta deste artigo: analisar, a partir do conceito gramsciano de questão meridional, as relações entre as diferentes regiões do Brasil, com foco na região Nordeste e sua relação com o Centro-Sul — eixo regional compreendido como mais desenvolvido do ponto de vista econômico.

Antonio Gramsci (1891-1937), pensador e teórico marxista, produziu a parte mais conhecida da sua obra na prisão, onde passou onze anos — dos vinte a que havia sido condenado. Sua libertação aconteceu antes do prazo, uma vez que o ambiente era precário e insalubre, o que acarretou piora de seu quadro de saúde, que já era bastante debilitado. Tanto é que pouco tempo depois de liberto faleceu. Sua produção ficou amplamente conhecida como *Cadernos do Cárcere*, obra organizada por Palmiro Togliatti, membro do Partido Comunista Italiano (PCI) e amigo pessoal de Gramsci, quem compilou, organizou e publicou os *Cadernos*, tarefa fundamental, pois tornou os escritos de Antonio Gramsci conhecidos na Europa. No Brasil, por sua vez, o responsável pela difusão da obra foi Carlos Nelson Coutinho, que traduziu a maior parte dela e contribuiu para a disseminação das ideias gramscianas na academia e entre ativistas políticos.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

A questão meridional foi desenvolvida por Antonio Gramsci para debater sobre as diferenças entre o Norte e o Sul da Itália. No início do século XX, a Itália possuía uma região Norte industrializada e economicamente rica, se comparada ao Sul, agrário e rural, onde a maioria dos trabalhadores era formada por camponeses. Ademais, nesse texto

[...] Gramsci conseguiu definir algumas de suas categorias mais importantes e estudadas mundialmente, como hegemonia, intelectuais e grupos subalternos, tidas hoje como essenciais para se decifrarem as relações internacionais de domínio colonial (Fresu, 2020, p. 211).

Gramsci partiu da sua vivência pessoal e particular na Itália das primeiras décadas do século XX para escrever o texto, sobretudo quando discorreu acerca da questão meridional. Nascido em Sardenha, região da Itália que sofreu um processo de submissão histórica, uma vez que no século XIX a localidade assistiu ao *Risorgimento*², uma das inúmeras tentativas de unificação do país, momento em que aconteceram diversas crises em torno do que se chamou de “modernização”, o que refletiu diretamente na centúria seguinte (Fresu, 2020).

Nesse escrito, Gramsci argumenta que a região Sul da Itália era marcada pela pobreza, que atingia grande parte da população, além de acentuado atraso econômico, muito por conta da baixa industrialização. A região contava, ainda, com uma alta taxa de analfabetismo, já que a educação era muito fraca e até mesmo inexistente em algumas partes, tendo ocasionado uma migração de intelectuais do Sul para o Norte. Mas Gramsci, profundo estudioso e conhecedor da dialética materialista, sabia que essa situação não era natural. Por isso, observava com um olhar crítico e concluía que esses problemas eram causados por uma série de fatores históricos, sociais, culturais e políticos, ou seja, ele partia da análise do movimento da totalidade e das contradições geradas por esse movimento, como a exploração do Sul pela burguesia do Norte, que culminava na relação de dependência, acarretando um “colonialismo interno”.

² “Ponto marcante para o aprofundamento da questão meridional na Itália foi o *Risorgimento* e o processo de unificação Italiana através de uma revolução passiva [...]” (Santos, 2017, p. 119).



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

Entender a questão meridional também contribuiria, segundo ele, para compreender a luta de classes na Itália e, a partir disso, mirava construir uma revolução proletária exitosa em seu país natal. Para Gramsci, só seria possível superar essas diferenças regionais formando uma subjetividade no Sul, uma vez que a problemática regional colocava os camponeses do Sul contra os trabalhadores industriais do Norte e vice-versa, sua prioridade era compreender o contexto desta lógica para superar essa ruptura entre as classes subalternas, ele sabia que as contradições estavam presentes no processo de consolidação do capitalismo na península Itálica.

Dessa forma, é possível perceber que Gramsci também elaborou sua concepção sobre hegemonia cultural e política, um dos conceitos tidos como mais importantes de toda a obra gramsciana. Para que o Sul se mantivesse subordinado ao Norte, não bastava somente uma dominação econômica, mas também uma concepção de mundo que legitimasse e naturalizasse a posição antagônica entre as regiões, ou seja, formou-se uma ideologia em torno dessa questão, que era aceita sem questionamento pelos trabalhadores do Sul, explorados e submissos ao Norte.

A questão meridional em Gramsci

A questão meridional foi um conceito cunhado por Antonio Gramsci em 1926, algum tempo antes de ir para a prisão. Por conta desse episódio determinante na vida do autor, o manuscrito *Alguns Temas para a Questão Meridional* não chegou a ser finalizado e quando foi publicado seguiu com a seguinte nota:

[...] 'O escrito não está completo e provavelmente seria ainda retocado, aqui e ali, pelo autor. Reproduzimo-lo sem nenhuma correção, como o melhor documento de um pensador político comunista, incomparavelmente profundo, forte, original, rico em desenvolvimentos amplos' (Gramsci, 1987, p. 135).



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

O texto foi encontrado por Camilla Ravera³ e publicado em 1930 na revista *Lo Stato Operaio*⁴ com um nome alternativo, cujo assunto era o livro de Guido Dorso⁵ *La rivoluzione meridionale*, publicado em 1925. A ideia de Guido Dorso, juntamente com o grupo de liberais meridionalistas, era basicamente que a Itália, cujas singularidades históricas observadas à época eram fruto da unificação a partir do Norte, que anexou a região Sul, contribuía para que os intelectuais migrassem para o Norte, já que no Sul não havia perspectivas para o exercício da intelectualidade, ou seja, ausentavam-se condições materiais e concretas para que intelectuais e estudiosos produzissem suas obras, o que causava o “êxodo” da intelectualidade italiana de uma região para outra.

Desse momento em diante, Gramsci polemizou com os intelectuais que falavam sobre a questão meridional e camponesa⁶. Geralmente, esses intelectuais — liberais, em especial — diziam que o único interesse de uma aliança do Norte com o Sul seria por conta das grandes extensões de terras que existiam na segunda região e a aliança proposta entre as regiões seria pautada somente por uma reforma agrária, que era, de fato, demanda dos camponeses italianos. No entanto, Gramsci discordava dessa ideia, pois segundo ele uma aliança entre o Norte e o Sul estava muito além disso, tratava-se de uma vinculação política entre operários e camponeses e não somente uma proposta de divisão de terras ou reforma agrária, como propunham os liberais.

Outra divergência dos intelectuais italianos dessa época era sobre a natureza da revolução na Itália. Para Gramsci e os comunistas estava claro que a revolução deveria ser de natureza socialista/proletária, enquanto para os liberais deveria “completar” o *Risorgimento*, ou seja, havia de ser uma revolução democrático-burguesa, visto que,

³ Camilla Ravera foi membra do Partido Socialista Italiano (PSI) e, mais tarde, do Partido Comunista Italiano (PCI). Figura de destaque na luta política e sindical da Itália dos anos 1920 e, sobretudo, na luta comunista e socialista daquele país.

⁴ A revista foi organizada em 1927, cabendo destacar que havia muitas revistas de diferentes posições políticas na Itália dessa época e a *Stato Operaio* tinha inclinação socialista.

⁵ Jornalista e escritor italiano, membro do PSI, Dorso é lembrado como defensor da democracia e da luta contra o fascismo.

⁶ É importante salientar, como já dito no início deste artigo, que “[...] a questão camponesa não chegou apenas a partir da leitura de Lênin, mas teve suas raízes na concretude da formação sarda, no conjunto de experiências de vida e observação cuidadosa de seu mundo, com todas as suas contradições [...]” (Fresu, 2020, p. 216).



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

conforme os liberais italianos, o *Risorgimento* não havia sido concluído e, portanto, ainda era preciso atravessar essa fase⁷.

A dominação política dos camponeses e sua desorganização faziam parte de um projeto de hegemonia burguesa, que utilizava como uma de suas armas a intelectualidade italiana, sobretudo os liberais, num esforço que servia para manter o *status quo*. A concepção de revolução de Gramsci foi bem clara: era necessário que os comunistas formassem as massas camponesas para serem autônomas e produzissem sua própria intelectualidade, o que veio a conceituar em seus cadernos como intelectuais orgânicos da classe trabalhadora.

A questão central nos escritos de Gramsci era de que a região Norte oprimia o Sul, formando, assim, um colonialismo interno⁸, em que uma parte explora e oprime a outra. Ademais, Gramsci também levantou a questão da religião e a influência do Vaticano no Sul do país — ainda que o tema tenha sido abordado tangencialmente —, uma vez que os camponeses eram, em sua maioria, católicos, o que permitia aos padres terem alta influência (Gramsci, 1987).

Gramsci insistia que o proletariado fabril do Norte deveria incorporar as demandas dos camponeses do Sul e fazer desses trabalhadores rurais seus aliados. Era necessário, nas reflexões do autor, romper com a ideia de que somente as demandas dos trabalhadores das fábricas do Norte eram importantes, reforçando uma concepção corporativista de sociedade. O campesinato era um grupo social bem maior que o operariado, na Itália daquele período, logo, para que se tornassem aliados era preciso que os trabalhadores das fábricas incorporassem as demandas do campesinato e que até mesmo esses operários fizessem algumas concessões. Para Gramsci, a melhor opção,

⁷ Em *A questão meridional*, Gramsci debate com Piero Gobetti, intelectual liberal italiano que considerava, até certo ponto, uma aliança com os camponeses em prol da unificação. A polêmica surgiu porque o fascismo italiano tinha como pretensão “terminar” o *Risorgimento* e, finalmente, unificar a Itália, o mesmo proposto pelos liberais italianos — apesar de alguns não considerarem o fascismo o “caminho adequado” para a unificação —, por isso o debate entre Gramsci e Gobetti. No final das contas, o fascismo foi uma revolução passiva, de acordo com análises de intelectuais gramscianos.

⁸ Na América Latina existe a discussão sobre “colonialismo interno” como uma categoria particular; como fez o sociólogo mexicano Pablo González Casanova que não será aprofundado neste trabalho, por ora.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

naquele momento, era formar uma frente ampla entre trabalhadores do campo e das fábricas (Gramsci, 1987), além de:

[...] para cumprir sua função histórica de ‘classe geral’, o proletariado teria de assumir um papel de liderança em relação aos camponeses e as categorias semiproletárias da cidade, ou seja, abandonar qualquer mentalidade corporativa e sindical residual. Seus membros deveriam se apresentar e pensar como membros de uma classe capaz de dirigir tanto camponeses quanto intelectuais. Esse era o único caminho a ser trilhado para que o proletariado, ainda uma minoria da população italiana, pudesse iniciar um processo revolucionário [...] (Fresu, 2020, p. 2024).

Entretanto, era preciso, em primeiro lugar, unir os camponeses e operários, tarefa que se mostrava complexa, já que esses grupos sofriam influência da hegemonia burguesa que resultava na assimilação da ideia de que a Itália era um país atrasado devido ao Sul, difundia-se a concepção de que os meridionais eram “inferiores biologicamente”, o que, na verdade, se tratava de um pensamento racista sustentado pela tese de que o Sul não se desenvolvia porque ali existia um povo inferior, naturalizando as diferenças sociais e históricas entre as regiões e eximindo a formação capitalista italiana de qualquer responsabilidade por isso (Gramsci, 1987).

O Partido Socialista Italiano, por sua vez, alinhava-se à ideologia burguesa, o que motivou Gramsci a romper com a legenda e ajudar a fundar o Partido Comunista Italiano (PCI). Como boa parte do proletariado do Norte era alinhada ao PSI, acabavam reproduzindo as concepções do partido, logo, Gramsci considerava que era necessário que a classe operária fosse educada primeiro para que se livrasse dessa ideologia. Para a burguesia italiana, a divisão ideológica entre o Norte e o Sul era vantajosa, pois a desunião e o não sentimento de nação era uma forma de dominação política e econômica, o sentimento de união poderia fazer com que o proletariado do campo e das fábricas se unissem contra seus algozes (Gramsci, 1987).

Para Antonio Gramsci, a construção da revolução proletária perpassava diretamente o desenvolvimento da consciência do povo, o que culminaria em um momento em que os trabalhadores se reconheceriam como uma categoria universal e única.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

Gramsci aprofundou e desenvolveu aquela fórmula na qual vinha trabalhando da frente única e da aliança operário-camponesa, apontando que somente uma grande coalizão do conjunto das classes subalternas poderia se constituir em força antagônica e alternativa ao capitalismo. O que não significa a retirada de centralidade do proletariado na construção de uma nova hegemonia, mas sim que essa classe deve tomar o papel de dirigente do processo que deve emancipar toda a humanidade [...] (Santos, 2017, p. 117).

Para tanto, era preciso que a classe se tornasse partido, e para chegar nisso havia a necessidade de se constituir um estrato de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora com intuito de construir uma nova hegemonia cultural, política, econômica, etc. “[...] O anunciador e organizador dessa reforma intelectual e moral é o Príncipe moderno, que na atualização que Gramsci faz de Maquiavel é o partido político [...]” (Santos, 2017, p. 117).

Se até aqui o esforço foi identificar o debate que Gramsci construiu sobre a questão meridional da Itália do século XX — além de uma questão puramente regional e/ou geográfica, pois ultrapassa essa barreira e se torna uma reflexão política e histórica sobre um conflito que talvez não tenha sido resolvido com o passar dos anos — cabe, neste momento, abordar a respeito das categorias teóricas que o comunista sardo desenvolveu para pensar essa questão. Desse modo, dialoga-se, a partir do prisma gramsciano, com uma problemática que persiste no interior da sociedade brasileira, ou seja, o preconceito contra a região Nordeste do Brasil.

Formação histórica e social da região nordeste brasileira: breve contextualização

Conforme o historiador britânico Eric Hobsbawm, o conceito moderno de nação surgiu somente em fins do século XIX e, mesmo assim, de maneira vaga e abrangente: “[...] Antes de 1884, a palavra *nación* significava simplesmente ‘o agregado de habitantes de uma província, de um país ou de um reino’ e também ‘um estrangeiro’ [...]”⁹ (Hobsbawm, 1990, p. 27, *grifo do autor*). O conceito desenvolveu-se com o passar do tempo, até chegar ao que se define como Estado-nação. Se o trabalho filológico que

⁹ Nesta introdução, Eric Hobsbawm faz uma contextualização partindo dos registros na literatura da Espanha, por isso a palavra nação em espanhol.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

Hobsbawm (1990) realizou identifica que a palavra nação ganhou diferentes significados ao longo de sua existência, também há de se destacar que:

[...] Qualquer que seja o significado ‘próprio e original’ (ou qualquer outro) do termo ‘nação’, ele ainda é claramente diferente de seu significado moderno. Podemos, portanto, sem ir mais além no assunto, aceitar que, em seu sentido moderno e basicamente político, o conceito de nação é historicamente muito recente [...] (Hobsbawm, 1990, p. 30).

A assimilação de um conceito pelos sujeitos é um processo histórico, cuja natureza diz respeito à longa duração. O conceito de nação começou a ser usado de maneira sistemática durante a chamada “Era das revoluções”, com o sentido de “princípio de nacionalidade”, cujo sentido passou a ser político, a fim de “[...] Equalizar ‘o povo’ e o Estado à maneira das revoluções francesa e americana, uma equalização que soa familiar em expressões como ‘Estado-nação’, ‘Nações Unidas’ [...]” (Hobsbawm, 1990, p. 31).

Ao longo de seu livro, mais especificamente no primeiro capítulo (*A nação como novidade: da revolução ao liberalismo*, p. 27-61), o historiador britânico alerta para a complexidade do conceito, isto é, o que realmente seria uma nação, ou o sentimento de pertencer, e acrescenta: “[...] Particularmente, não há conexão lógica entre o corpo de cidadãos de um Estado territorial, por uma parte, e a identificação de uma ‘nação’ em bases linguísticas, étnicas ou em outras com características que permitam o reconhecimento coletivo do pertencimento de grupo [...]” (Hobsbawm, 1990, p. 32).

Como se constata, Hobsbawm reflete que o conceito moderno de nação tomou a forma atualmente conhecida no mesmo período em que o liberalismo ganhou espaço nas sociedades ocidentais, o que não se configura em coincidência, haja vista que, para o capitalismo contemporâneo, estabelecer fronteiras imaginárias faz parte do seu *modus operandi*: dividir, separar os povos, criar conflitos para manter uns subjugados a outros é uma receita quase infalível para sustentar sua hegemonia.

Na prática, havia apensa três critérios que permitiam a um povo ser firmemente classificado como nação [...] O primeiro destes critérios era sua associação histórica com um Estado existente ou com um Estado de passado recente e razoavelmente durável [...] O segundo critério era dado pela existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativos e literário escrito [...] O terceiro critério, que infelizmente



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

precisa ser dito, era dado por uma provada capacidade para a conquista. Não há nada como um povo imperial para tornar uma população consciente de sua existência coletiva como povo [...] (Hobsbawm, 1990, p. 49-50).

Como se nota, o conceito moderno de nação ou Estado-nação foi determinado pelas classes dominantes ocidentais, ou seja, elaborado “pelo alto”, sem a participação popular e facilmente disseminado pela ideologia liberal. Durante o século XX, o entendimento do que é ou pode ser uma nação ajudou a constituir os principais Estados ocidentais, pois deu a eles poder e os consolidou como Estados hegemônicos no capitalismo contemporâneo. O discurso sobre o que “é” o Nordeste foi elaborado através de um processo que privilegiou o Centro-Sul brasileiro como centro econômico e político, pelo menos a partir do declínio do ciclo do açúcar, nisso, a região nordestina foi menosprezada e a ela reservada a posição de periferia do país, esquecendo de sua importância ao longo dos séculos para a construção do Brasil enquanto nação, além de uma visão hegemônica de que o Nordeste brasileiro é homogêneo, desconsiderando a diversidade cultural e social da região.

A partir daqui, procura-se compreender como se deu a formação histórica do Brasil, mas com foco na região Nordeste, tendo em vista que tratar sobre a formação de um país de dimensões continentais é demasiado complexo, o que justifica a abordagem, ainda que holística, de uma região específica.

Em *Formação histórica do Brasil*, Nelson Werneck Sodré apresenta uma “teoria do Brasil”, cuja visão já se encontra amadurecida na obra, uma vez que vinha trabalhando a esse respeito. Sodré defendeu que a formação brasileira a partir de Portugal contribuiu para que a concepção deste, um reino feudal, organizasse grupos mercantis hegemônicos e começasse a promover a expansão marítima portuguesa para diferentes regiões do planeta. No Brasil, os portugueses implementaram, em termos de sistema econômico e social, resumidamente, uma lógica feudal, em particular ao que existia em terras portuguesas, a exemplo das sesmarias¹⁰, que, mais tarde, se transformaram em

¹⁰ “[...] Instituído no reinado de Fernando I como uma lei agrária de fomento da produção agrícola e do cultivo das terras ermas — reconquistadas aos mouros ou deixadas ao abandono por conta do declínio da população rural dizimada pela peste negra ou rarefeita pelo êxodo em direção aos centros urbanos —, a medida foi, posteriormente, denominada das sesmarias” (Nozoe, 2006, p. 588). O conceito de sesmaria é



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

capitanias hereditárias. Com o tempo, esse sistema importado começou a falhar e, na concepção de Werneck Sodré, foi o momento em que se iniciou o retrocesso histórico do país, que “regrediu” ao escravismo (Sodré, 1962).

O ponto inicial da teoria de Sodré   de que existe uma lógica na história da forma o do Brasil, pois, segundo o autor, na antiguidade europeia, o sistema social e econômico — ou modo de produ o — era escravista, e depois de um longo processo histórico ele foi superado, tendo passado ao sistema feudal. Somente após a supera o do feudalismo   que surgiu o capitalismo. Cumpre destacar que os eventos, tanto para Sodré quanto para outros teóricos marxistas, não ocorrem de maneira linear, mas são dialeticamente estruturados com períodos de avanços e retrocessos históricos. De outro modo, essa lógica não se reproduz de maneira mecânica na particularidade da col nia, uma vez que ao retroceder para o escravismo, o “novo” sistema que se iniciou trata-se de um escravismo colonial explorado pelo grupo mercantil europeu e não o modo de produ o escravista como havia existido na Europa durante a antiguidade, portanto, uma antítese do modelo europeu (Sodré, 1962).

A zona escravista brasileira se estabeleceu, principalmente, na região Nordeste da Colônia — não por coincidência a área das capitanias hereditárias e sesmarias — onde a principal atividade econômica girava em torno da produ o de cana-de-a o car e, mais tarde, algodão e fumo. Essa produ o tinha como destino a Metrópole (Portugal) e pouco do que era produzido ficava no mercado interno. No pós-escravidão, Sodré considerava que as rela oes de trabalho se mantiveram arcaicas e agora esses “homens livres” trabalhavam em troca de moradia, comida e vestimentas com pouca ou nenhuma prote o legal.   nessa rela o que o proprietário da terra tinha posse sobre essas pessoas, Nelson Werneck Sodré considera tal ponto semelhante ao estabelecido entre suseranos e vassalos durante o feudalismo europeu.

A concep o de Werneck Sodré parte de uma teoria detalhista das rela oes que aconteciam no Brasil Colônia. Em linhas gerais, ele considerava que a região Nordeste

basicamente o de conceder terras, prática comum na Europa medieval, e foi reproduzido no Brasil, pelo menos até o século XIX.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

brasileira sofreu com exploração e subdesenvolvimento devido à herança colonial e o modo de produção que ali se estabeleceu, desde a chegada dos portugueses em terras brasileiras, consistia em produção agrícola voltada para o abastecimento da Metrópole, sendo a falta de um desenvolvimento industrial robusto e o desenvolvimento desigual do capitalismo brasileiro o que condicionou os estados do Nordeste a uma severa desigualdade econômica em relação ao restante do país, o que perdura até a contemporaneidade.

Diferente do feudalismo europeu onde a produção agrícola era voltada para a subsistência dos atores do feudo, no Brasil, o processo de produção colonial estava diretamente ligado ao mercado externo, o que colocava o Brasil na rota do mercado global. Essa lógica condicionou o Nordeste brasileiro a uma relação de dependência que perdura até os dias de hoje, uma vez que a transição para o escravismo colonial esteve ligada com vários fatores, principalmente a lucratividade de elites europeias com o tráfico de escravizados, logo, essa transição foi uma adaptação ao modo de produção capitalista emergente. Mesmo depois do declínio do ciclo do açúcar, o Nordeste permaneceu dependente do mercado europeu, já que a especialização em produção de bens primários e a falta de diversificação da economia ainda existe na região.

Tendo isso em mira, há de se refletir sobre a região Nordeste brasileira, a exemplo de aspectos sobre sua formação histórica e social, bem como seu o papel que exerce no contexto nacional, seu impacto na economia e na política e como a divisão regional do Brasil pode ser também ideológica, causando diferentes tipos de preconceito e dividindo a classe trabalhadora brasileira, tal qual Antonio Gramsci discutiu em *A questão meridional*, ao tratar sobre as divisões entre Norte e Sul da Itália. O entendimento partirá de uma concepção particular sobre como é possível identificar uma “questão nordestina” no Brasil, ainda que, cumpre frisar, não será feita uma transposição do conceito de Gramsci de maneira mecânica, mas sim uma tentativa de entender de maneira dialética essa possibilidade.

O Nordeste brasileiro foi a principal região produtora de mercadorias da era colonial, onde também houve disputas entre invasores holandeses, franceses e ingleses,



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

o que deixou marcas profundas na sociedade. No final do século XIX com o processo de declínio da economia açucareira e demais matérias-primas produzidas no Nordeste consolidado, as regiões Sul e Sudeste passaram a escoar a mão de obra de pessoas ex-escravizadas, já que no Centro-Sul do Brasil, no mesmo período, a produção de café começava a ganhar grandes proporções, o que, por exemplo, atraiu trabalhadores europeus, principalmente italianos, para trabalhar nas lavouras de café.

O progresso econômico do Sudeste brasileiro exigiu produção de determinadas mercadorias que antes não existiam, justamente para alimentar o mercado interno, que, nessa altura, já caminhava para se solidificar. Para isso, a instalação de fábricas foi imprescindível para a formação do operariado brasileiro, o que acarretou em mudanças significativas nas relações de trabalho, que ditaram o tom da industrialização e do desenvolvimento do Centro-Sul do Brasil (Cruz, 2015).

Assim como em outros países da periferia do capitalismo, a unificação do Estado brasileiro se deu por meio de uma revolução “dentro da ordem”, ou uma revolução passiva nos termos gramscianos, assinalado por um capitalismo dependente e de caráter agrarista. A dinâmica do capitalismo interno brasileiro se consolidou tardiamente a partir de 1930 basicamente com o Centro-Sul industrializado e desenvolvido e o Nordeste agrário com poucos traços de modernização¹¹ (Santos, 2017) resultando em um

[...] desenvolvimento desigual das diferentes regiões, com a concentração do dinamismo industrial no Centro-sul, de um lado, e a combinação entre elementos atrasados, gerando o atraso nordestino de outro [...]. Em função disso, ao longo da década de 1950, se abriu um grande debate sobre a questão nordestina (Santos, 2017, p. 122).

A partir daí, a configuração político-econômica brasileira começou a tomar a forma que se tem hoje, isto é, Centro-Sul desenvolvido, com alta taxa de concentração populacional e de renda, contra o Nordeste subdesenvolvido. Essas características contribuem, por vezes, para o estímulo à xenofobia e à falta de conhecimento que, em

¹¹ Uma importante obra para interpretar as desigualdades regionais brasileiras é: *Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste: Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*. de autoria de Celso Furtado (1959).



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

geral, se tem sobre a região Nordeste, acarretando preconceito e segregação social, que perduram no interior da sociedade. Vale destacar que foi somente na década de 1940, por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que surgem os conceitos das cinco regiões brasileiras como existem hoje. Antes disso, o país era dividido somente em Norte e Sul, elaboração estabelecida para fins de divulgação de pesquisas estatísticas (Cruz, 2015).

Na história atual, a economia nordestina passou por algumas transformações e houve um aumento no investimento na região, principalmente na primeira década dos anos 2000. Ainda que positivo, não foi o suficiente para romper com as desigualdades seculares da região. Os investimentos industriais privados e voltados ao mercado regional, bem como os investimentos dos mercados extra regionais apresentam sazonalidade, o que impacta diretamente a renda dos trabalhadores nordestinos bem como a dinâmica social e econômica (Cavalcanti Filho, 2015).

De acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas, que analisou a economia do Nordeste de 2002 a 2020, a região, formada por nove estados, representou cerca de 13% do PIB brasileiro, com uma distribuição bastante concentrada: Bahia, Pernambuco e Ceará juntos representaram mais de 60% do seu crescimento econômico. Os maiores números foram identificados nos setores da agropecuária e de serviços, enquanto a indústria teve um crescimento pequeno em relação às demais regiões do Brasil. Outra informação importante de se destacar é que o PIB do Nordeste é o terceiro maior do país e fica atrás dos PIBs do Sul e Sudeste (Instituto Brasileiro de Economia, 2023).

Todas estas informações sobre os números econômicos das diferentes regiões do Brasil servem, em partes, para balizar aqui a hipótese principal, claro que os números representam uma esfera das relações sociais e históricas das diferentes regiões do Brasil, mas trazer e destacar o quesito econômico revela que o Nordeste brasileiro foi ignorado pelo Estado em determinados momentos de sua história, gerando, em certa medida, uma separação ideológica na sociedade. Ainda que esses investimentos tenham levado melhorias significativas para a região, eles não modificaram as estruturas sociais,



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

políticas e econômicas que mantêm o Nordeste numa posição periférica. As modernizações e crescimento do setor turístico geraram empregos com baixa remuneração e, outrossim, a região ainda é, de certa maneira, dependente de incentivos estatais e vulnerável a crises, portanto, mesmo com um crescimento pontual, o Nordeste brasileiro segue, infelizmente, numa posição de dependência e marginalização econômica dentro do contexto tanto nacional quanto internacional.

Para a burguesia, assim como foi na Itália do século XX que Gramsci pensou a questão meridional, separar as regiões permite que a alienação da classe trabalhadora seja de difícil superação permitindo a perpetuação de sua hegemonia, a atuação de intelectuais nesse processo é fundamental, a título de exemplo cabe aqui mencionar a obra contemporânea *A invenção do nordeste*, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. (2011) Nesta obra, o autor considera que discussões sobre diferenças entre o Nordeste e Centro-Sul do país já existiam desde pelo menos o final do século XIX, e que a principal pauta das discussões era a diferenciação racial. Albuquerque Júnior narra que foi a partir das páginas escritas por Oliveira Vianna¹² que se iniciou a consolidação da inferioridade do povo nordestino diante das demais regiões do Brasil.

Entretanto, Albuquerque Junior parte de uma concepção historiográfica de que o Nordeste foi “inventado” por movimentos culturais e políticos através do discurso, tese que é sustentada principalmente pelo regionalismo¹³ que tinha como referência a obra de Gilberto Freyre; as críticas a sua obra partem do pressuposto de que a região Nordeste na verdade, foi construída a partir da materialidade tendo sua consolidação, por assim dizer, a partir da integração nacional que proporcionou uma série de problemas devido ao desenvolvimento desigual do capitalismo brasileiro¹⁴. A tese de Albuquerque Junior também homogeneiza a região esquecendo ou deixando de citar

¹² Francisco José de Oliveira Viana foi um sociólogo conservador que contribuiu para a construção de uma linha de pensamento autoritária dentro da Sociologia brasileira. Figurou ao lado de escritores como Gilberto Freyre e Azevedo Amaral.

¹³ “[...] o movimento regionalista propunha o resgate das raízes nacionais de busca pela preservação e fortalecimento das tradições do Nordeste resgatando a cultura regional do espaço que tinha sido centro econômico e cultural do país” (Santos, 2019, p. 450).

¹⁴ Essa é uma das várias fundamentações da extensa crítica a obra de Durval Muniz Albuquerque Junior.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

natural, isso nos faz pensar que a luta por uma contra hegemonia não é apenas uma luta de enfrentamento físico e material, mas também uma batalha de ideias.

A hegemonia do Norte da Itália em relação ao Sul não era somente porque uma esfera era industrializada e economicamente forte enquanto a outra era agrária e atrasada, mas a dominação ia muito além dessas questões. Para Gramsci, o significado de subalternidade estava além de uma concepção psicológica ou física, pois o subalterno é

[...] aquele que se encontra em uma relação em que é submetido ativa ou passivamente, isto é, por escolha consciente ou por processos de manipulação do consenso [...] não se entende o subalterno sem o hegemônico, ambos formam um 'par' conceitual que descreve uma relação [...] (Aliaga, 2021, p. 90).

Dessa forma, para existir hegemonia é preciso, necessariamente, existir a subalternidade e vice-versa, a construção dessa relação, assim como a naturalização do subdesenvolvimento do *Mezzogiorno* e dos diferentes tipos de preconceitos, dizia Gramsci, beneficiava as elites que temiam uma união entre operários e camponeses, pois tinham conhecimento a respeito que a organização do proletariado era fundamental para a construção de uma contra hegemonia.

A relação de hegemonia e subalternidade das regiões do Brasil, sobretudo quando se trata de Centro-sul “contra” o Nordeste, tem suas raízes históricas, como já posto neste texto, haja vista que a construção do que é o Nordeste do Brasil é multifacetada e complexa, a significativa presença da escravidão e o processo de desenvolvimento capitalista desproporcional na região perpetuou as profundas desigualdades socioeconômicas e raciais em relação ao restante do país. A profunda exploração e as sucessivas invasões da era colonial também deixaram marcas que afetaram a população nordestina e, conseqüentemente, a sociedade brasileira como um todo, até hoje¹⁵.

Ainda que progressos importantes tenham acontecido na região nas últimas décadas, persistem as desigualdades sociais e econômicas que impactam diretamente a vida do povo nordestino. Para haver uma superação efetiva dessas desigualdades, é necessário, a curto prazo, um esforço conjunto da sociedade brasileira para vencer

¹⁵ A questão regional no Brasil não se resume somente a estes fatos, a tentativa aqui é de ilustrar, na medida do possível, determinadas causas que contribuíram para essa divisão social e ideológica do país.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

alguns preconceitos imediatos, e, a longo prazo, essa divisão, que assim como na Itália de Gramsci foi ideológica, só será superada quando a luta pela plena emancipação dos trabalhadores for organizada e posta em prática em sua totalidade.

As categorias teóricas de Gramsci são fundamentais para se entender a luta de classes da periferia do capitalismo bem como a formação do Estado burguês nesses países, que no Brasil é marcada pela falta de participação popular nas lutas por independência com liderança das elites somada ao processo de formação ideológica com forte participação da intelectualidade burguesa, o que consolida a hegemonia da burguesia agrária e seus interesses em manter a classe subalterna politicamente dividida.

A História do Brasil foi marcada pela dominação das elites, que, frequentemente, exploram e marginalizam as populações da nação. No entanto, somente na união das diferentes esferas da classe subalterna reside a esperança de uma sociedade mais justa no futuro. Num país tão diverso quanto o Brasil, lutar pela união da classe trabalhadora não é uma tarefa fácil, mas se torna essencial enquanto as desigualdades e as barreiras impostas pela subalternidade avançam e se aprofundam com o tempo.

Referências

Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

Aliaga, Luciana. **Do sul ao norte: uma introdução a Gramsci**. Marília: Lutas Anticapital, 2021.

Cavalcanti Filho, Paulo Fernando de Moura Bezerra. A encruzilhada da economia do nordeste: tendências recentes e perspectivas. **Revista Economia do Nordeste**, v. 46, n. 2, p. 151-169, 2015.

Cruz, Luana Honório. **Os caminhos do açúcar no Rio Grande do Norte: o papel dos engenhos na formação do território potiguar (século XVII ao início do século XX)**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



A questão meridional: uma reflexão política e social sobre o nordeste do Brasil a partir dos prismas de Antonio Gramsci

Marina Olinda Calori de Lion

Fresu, Gianni. **O homem filósofo**: uma biografia intelectual. Tradução Rita Matos Coitinho. São Paulo: Boitempo, 2020.

Furtado, Celso. Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste. **Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1959.

Gramsci, Antonio. **A questão meridional**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

Hobsbawm, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Trad. Maria Cecília Paoli & Ana Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Instituto Brasileiro De Economia (FGV IBRE). **Nordeste**: monitor do PIB. Rio de Janeiro, 2023. Fundação Getúlio Vargas (Press release). Disponível em: [Portal Libre FGV](#). Acesso em: 22 fev. 2024.

Nozoe, Nelson Hideiki. Sesmaria e apossamento de terras no Brasil Colônia. **Economia: Revista da ANPEC**, v. 7, n. 3, p. 587-605, 2006.

Santos, Nivaldo Aires dos. Elementos para a crítica à tese de invenção do nordeste. **Revista Relações Sociais**, v. 2, n. 3, p. 447-459, 2019.

Santos, Nivalter Aires dos. Questão nordestina: esboço de uma interpretação a partir da questão meridional de Gramsci. **Movimentação**, v. 4, n. 7, p. 108-130, 2017.

Sodré, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962.